VII Simpósio Nacional de História Cultural
HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO, LEITURAS E RECEPÇÕES
Universidade de São Paulo – USP
São Paulo – SP
10 e 14 de Novembro de 2014

OS MUSEUS E A CONSTRUÇÃO DE UMA NARRATIVA DA MEMÓRIA DO PROCESSO DE IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO ALEMÃ NO RS

Rosane Marcia Neumann*
Marlise Regina Meyrer**

MUSEUS: LUGARES DE MEMÓRIA

Os museus, nas sociedades atuais, vêm ganhando cada vez mais destaque, dentro de um movimento que Pierre Nora (1993) chama de "emergência da memória". Para o autor, estamos vivendo "uma onda de recordação" que se espalhou através do mundo e que, em toda parte, liga firmemente a lealdade ao passado – real ou imaginário – e a sensação de pertencimento, consciência coletiva e autoconsciência. Para ele, este movimento decorre do fato de vivermos num mundo incerto quanto ao futuro aliado a disponibilidade enorme de métodos que facilitam a conservação da memória, havendo uma obsessão pela ideia de perda, o que leva a preservação de todos os traços, sinais que forneçam a evidência de uma nação, de um grupo, de identidades.

Os museus, assim, integram o que Nora (1993) chama de "lugares de memória" ou "suportes de memória". Segundo o autor, esses são locais materiais ou imateriais onde

* Doutora em História pela PUC/RS. Professora do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo.

** Doutora em História pela PUC/RS. Professora do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo.

se fixam as memórias coletivas, cruzam-se memórias pessoais, da família, da comunidade. Os museus, como os monumentos, só se transformam em um lugar de memória se a imaginação os investe de uma aura simbólica, de um significado, do contrário, não adquirem sentido nenhum. Para Le Goff (1984), é mais uma forma de integrar a memória pública e tornar-se monumento histórico, pois "a razão fundamental de ser um lugar de memória, é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, prender o máximo de sentido num mínimo de sinais". Nora (1993) acresce que há (criam-se) locais de memória porque não existem mais meios de memória.

A construção de museus ligados aos grupos étnicos tem por objetivo demarcar espaços de memória no município, ao dar visibilidade a sua presença. Nota-se, ao mesmo tempo, um processo de revalorização da diversidade étnica e do pertencimento a determinado grupo. Esses espaços contribuem para um "processo de *revivenciamento*, ou de *reconhecimento*, das experiências coletivas, que têm o poder de servir como substância aglutinante entre os membros do grupo, garantindo-lhes o sentimento de *pertença* e de *identidade*, a consciência de si mesmo e dos outros que compartilham essas vivências" (HORTA, 2008, p. 108).

Entretanto, os museus são também espaços de comunicação e, nesse sentido, a narrativa torna-se fundamental na (re)elaboração dessa memória, na (re)construção e fixação das identidades. Para Ricoeur (2007), a relação entre a memória individual e coletiva se dá através da narrativa, construída sobre as experiências vividas. A memória funda-se na linguagem, que se torna a portadora da memória, fortalecida através das narrativas coletivas. Neste aspecto, entendemos que a memória narrada nos museus históricos constitui-se numa forma específica de narrar o mundo, através de representações do real a partir da memória, sendo que o seu significado depende do tipo de relações que o museu estabelece com a comunidade e a sua memória.

A narrativa da memória realizada nos museus históricos a partir dos objetos é feita através das exposições, essência da linguagem museológica, cuja vantagem sobre o discurso historiográfico, fundamentalmente verbal, é a diversidade e pluralidade que os objetos materiais visuais possibilitam. Já Menezes (1994, p. 22) não concebe o museu como narrativa, mas atribui às exposições seu caráter fundamental, que define "como convenção visual, organização de objetos para produção de sentido".

O museu, portanto, constrói e comunica sentidos a partir da exposição de seu acervo. A equipe de profissionais que atua no museu organiza as exposições a partir de

seu acervo em determinado espaço, seguindo uma lógica e conceitos por eles elaborados, construindo representações e/ou interpretações sobre um determinado contexto histórico. Nesse sentido, consideramos que as exposições são a principal forma de mediar a relação entre o público e o patrimônio material ali exposto, o que nos leva a pensar sobre os processos de patrimonialização dos objetos, processo este ligado a identidade do grupo (comunidade, nação, classe...) que a Instituição (museu) pretende representar. Esses processos são feitos por escolhas nunca neutras, que decidem quais os objetos são mais representativos do grupo.

Partindo destes pressupostos, o estudo pretende compreender como os Museus que tem como tema a imigração alemã no sul do Brasil narram a história desse grupo de imigrantes e seus descendentes. Quais as escolhas, dentro de um universo de lembranças e objetos, que mereceram atenção para serem rememoradas e quais os esquecimentos? Quais os elementos demarcadores do grupo em relação aos *outros* e que constituem a sua identidade?

O sul do Brasil é um polo de referência da imigração alemã, onde se concentra o maior número de indivíduos dessa ascendência, bem como de comunidades que ainda mantém fortes características étnicas. Desde o início de sua instalação em território brasileiro, os grupos de imigrantes preocuparam-se com a preservação da memória, tanto familiar quanto coletiva. Esta preocupação esteve presente na fundação das diversas associações culturais e recreativas, bem como de igrejas e escolas de caráter étnico, criadas desde os primórdios de imigração no Estado, num processo de "institucionalização de identidades" (WEBER, 2008, p. 236). Sendo os imigrantes, por definição, indivíduos desconectados espacialmente de seu passado, vivendo uma situação de duplicidade de identidade, ocupando um "lugar bastardo entre o ser e não ser social" (BOURDIEU, 1998, p. 11), a construção de lembranças tornou-se fundamental na (re)elaboração de sua identidade no novo território, na medida em que a memória, na sua acepção mais básica, é a presença do passado. Porém, não o passado em si, mas a sua representação seletiva, sendo que esta seleção – o que esquecer e o que lembrar – é definida pelo grupo familiar, social, étnico, nacional. É o que Halbwachs (2004) define como memória coletiva. Para Candau (2012, p. 24), a memória é a identidade em ação, perpassada pela seleção e o esquecimento. A memória coletiva é uma representação, ou seja, "um enunciado que membros de um grupo vão produzir a respeito de uma memória

supostamente comum a todos os membros desse grupo", ou seja, existe no plano do discurso, mas não no concreto. Sendo assim,

> os atos de memória decididos coletivamente podem delimitar uma área de circulação de lembranças, sem que por isso seja determinada a via que cada um vai seguir. [...]. Uma memória verdadeiramente compartilhada se constrói e reforça deliberadamente por triagens, acréscimos e eliminações feitas sobre as heranças (CANDAU, 2012, p. 35; 47).

Essa preocupação com a preservação e reatualização da memória pode ser identificada pela quantidade de museus, arquivos e monumentos construídos, sobretudo, após a Segunda Guerra Mundial, passada a chamada fase da *nacionalização*, período no qual as comunidades de imigrantes e seus descendentes foram proibidos de manifestar sua cultura.

Nossa proposta é descrever e comparar a narrativa das exposições de longa duração ou permanente de dois museus das chamadas zonas de colonização alemã, sendo o primeiro localizado na zona pioneira, considerada "berço" da colonização alemã no Rio Grande do Sul, o *Museu Histórico Visconde de São Leopoldo*, e o segundo, na área denominada de "colônias novas", no Planalto Rio-grandense, tratando-se do *Museu Antropológico Diretor Pestana*, situado em Ijuí.[1]

MUSEU VISCONDE DE SÃO LEOPOLDO

O *Museu Histórico Visconde de São Leopoldo* foi criado em 1959, como Museu da Imigração Alemã. Sua sede fica no município de São Leopoldo, porém é fruto da colaboração de dez municípios originários da colonização alemã. De acordo com Weber (2012, p. 30), com o final do período da nacionalização, houve um reavivamento das práticas culturais relativas a imigração alemã, buscando antigos símbolos e construindo novos que "remetessem à memória social relacionada aos imigrantes e descendentes de

[1] Entende-se por *colônias velhas* ou *antigas* a região colonial alemã e italiana formada no século XIX, tendo como ponto de expansão a colônia de São Leopoldo e Caxias do Sul, ocupando toda a região dos vales dos rios Sinos, Caí, Taquari e Antas. Em contraposição a estas, denominam-se *colônias novas* ou *nova* zona colonial aquelas fundadas na última década do século XIX e primeiras décadas do século XX, nos mesmos moldes, na região do Planalto Rio-grandense, especialmente nos municípios de Cruz Alta, Palmeira das Missões, Passo Fundo e Santo Ângelo (cf. ROCHE, 1969; NEUMANN, 2009).

alemães", sendo esse contexto em que se situa a fundação do *Museu Histórico Visconde de São Leopoldo* (MHVSL).

No decorrer do processo de fundação e consolidação do MHVSL, várias campanhas foram realizadas, através de palestras em locais públicos e da imprensa, afim de conscientizar a comunidade da necessidade da (re)construção da identidade do grupo. Campanhas também foram feitas para coleta de material para o museu num processo de patrimonialização dos objetos que passavam a integrar o acervo. Todo esse movimento tinha como objetivo "a constituição de uma memória coletiva e pública que contribuíram para a reconstrução da identidade de um grupo" (WEBER, 2012, p. 31).

Atualmente, o MHVSL, nas palavras de seu presidente José Carlos Eggers, é "um museu, um arquivo histórico e uma biblioteca" (EGGERS, 2012, p. 163), pretendendo tornar-se um centro cultural com cursos de línguas, música, palestras, entre outros. Em discurso proferido em 2009, Eggers (2012) também salientou que o MHVSL não se atém mais exclusivamente a identidade étnica alemã, mas sim as diferentes etnias que formaram os municípios da região, numa atualização dos objetivos e dos discursos sobre o museu, em conformidade com as novas demandas sociais, cuja pauta norteia-se pelo discurso do multiculturalismo e pela diversidade. Embora haja um esforço no sentido de integrar todos os grupos na exposição do museu, a fala de Eggers, bem como a própria exposição, revela um discurso hierárquico sobre os papéis atribuídos aos diferentes grupos, como podemos deduzir da frase: "entre acervos de alemães, portugueses e italianos, abriga objetos e documentos dos afrodescendentes que para cá foram trazidos como escravos, assim como dos índios que aqui viveram antes da chegada dos europeus" (EGGERS, 2012, p. 183).

Ao observarmos a exposição proposta de longa duração no MHVSL, percebemos que predomina o discurso étnico numa visão tradicional, na qual os objetos patrimonializados são aqueles referentes as camadas mais altas da sociedade, que, na medida em que constituem-se nos principais fornecedores dos objetos do acervo, elegem o que deve ser considerado como representativo da memória do grupo. Capovilla (2014) ao classificar as exposições nos museus alusivos a imigração alemã no Rio Grande do Sul, entre os quais insere o MHVSL, afirma que

> [...]os objetos que compõe as exposições de longa duração nesses museus (onde o forte não é a pesquisa) são escolhidos em geral pelo seu visual e pela sua procedência. Assim, o mais bonito, o mais rico está exposto. Neste caso, a mostra vai incidir sobre a riqueza e o sucesso de

> alguns poucos imigrantes detentores de capital econômico e estas representarão o todo (2014, p. 50).

Esses objetos, na sua maioria, estão expostos no MHVSL em vitrines, agrupados em temáticas, entre as quais podemos citar: crianças, onde a maioria dos objetos são brinquedos; acessórios femininos, predominando objetos para adorno e costura; acessórios masculinos, onde encontramos cachimbos, canecas de chopp, bengalas, jogos; imprensa, com exposição de máquinas impressoras, jornais em alemão, livros e material de escritório; música, mostrando muitos instrumentos, como pianos, violinos, saxofone, gramofone; fotografias, apresentando álbuns e material fotográfico; escola, expondo livros didáticos, lousa e demais materiais escolares; e armas, contendo muitas espingardas, espadas, entre outros utensílios bélicos.

O prédio do Museu possui dois andares, sendo que a exposição de longa duração concentra-se no andar térreo. No andar superior encontra-se o arquivo de documentos, fotografias, biblioteca, cinemateca e reserva técnica. Este andar é de visitação restrita a pesquisadores. O MHVSL atua também como um centro cultural, promovendo programas musicais, aulas de línguas, música e ciclos de palestras. O Museu sedia também o Instituto Histórico de São Leopoldo, criado em 1975, cujo principal enfoque é desenvolver pesquisa sobre a imigração e colonização alemã.

Ao entrar no MHVSL três objetos de grande porte chamam a atenção: um automóvel ano 1928, doado por um colaborador do museu, um púlpito de madeira, oriundo da Igreja Matriz de 1912, e uma grande "estátua do colono", que está em frente a porta de entrada, representando o imigrante a saudar os visitantes. A estátua fazia parte do Monumento ao Imigrante, situado na praça que integra o centro histórico da cidade, no qual está o prédio do Museu. Devido a atos de vandalismo, em 2004, decidiu-se que a estátua iria para o MHVSL.

Não pretendemos aqui estudar a estátua como monumento em si, mas sim sua representação no conjunto da exposição, portanto, enquanto um elemento simbólico na narrativa museográfica proposta. Nesse sentido, entendemos que a estátua possui elementos simbólicos de distinção ao lado de outros que representam o colono desbravador. O "colono" representado está bem vestido, usando um traje completo (colete, paletó, cajado e sobretudo). Sua expressão sóbria e um ar de satisfação, esboçando

um meio sorriso remetem a representação do imigrante vencedor. Por outro lado, as botas simbolizam o caráter desbravador do colonizador/conquistador.

O carro entra no rol daqueles objetos selecionados por seu valor visual e de procedência, citados por Capovilla (2014). O automóvel no início do século, quando a imigração já tinha 100 anos, era um objeto de luxo e símbolo da modernidade, mas já acessível àquela parcela do grupo que havia enriquecido e usufruía de um estilo de vida que poderíamos chamar de burguês[2]. O outro objeto de grande porte, um púlpito de madeira, em cujo pedestal encontra-se uma bíblia em alemão. A presença da Igreja, tanto católica quanto luterana, foi um elemento fundamental na organização das antigas colônias, exercendo um forte poder de controle sobre a comunidade. Sua representação destacada no museu reforça a sua forte presença na construção da memória do grupo.

Na mesma sala, num canto, embaixo da escada, quase que invisível, estão artefatos indígenas: uma urna funerária, um pilão de erva mate, objetos de artesanato indígena. Esses objetos estão reunidos em um espaço de pouca visibilidade, não sendo lugar de passagem, podendo passar despercebidos para o visitante menos atento.

O roteiro proposto prossegue para uma ampla sala ao lado, onde encontramos a essência da exposição. A abertura dá-se com um imenso mural com diversas fotografias dos imigrantes e descendentes em diferentes atividades, especialmente aquelas ligadas à valorização da identidade étnica do grupo, como atividades nas sociedades de canto, tiro e ginástica. Estas sociedades eram expressões da identidade étnica, num período em que, passadas as dificuldades iniciais de instalação, um grupo mais próspero poderia dedicar-se a horas de lazer e cultivo aos valores culturais germânicos. Uma única fotografia, no painel, retrata o trabalho braçal (lavadeiras no rio). Tem-se a impressão que foi dada uma "licença" para colocar, ali, ao menos uma imagem daqueles imigrantes que não fizeram parte da epopeia de sucesso descrita na historiografia tradicional.

Segue-se a exposição das vitrines. No primeiro ambiente[3] estão os objetos de valor mais elevado; pratarias, louças de porcelana, instrumentos musicais (piano, violino, gramofone, entre outros). Junto a esse acervo – no mesmo ambiente – está uma vitrine que remete aos afrodescendentes: uma série de utensílios utilizados para realização de

[2] Burguês é entendido aqui enquanto um conjunto de valores, comportamentos e estilos de vida compartilhados por uma determinada camada social.

[3] A sala da exposição é dividida pelos balcões das vitrines. Assim, tem-se dois ambientes de exposição.

tortura. Embora um texto em um cartaz na vitrine aponte para uma tentativa de desconstrução do discurso, no qual os alemães não conviveram com a escravidão, ou foram mais brandos. Chama atenção o fato de que, os únicos elementos dos afrodescendentes expostos, atribuem um papel social específico ao negro naquela sociedade, ou seja, a narrativa corrobora para a identificação do negro única e exclusivamente ao elemento servil.

O ambiente seguinte é composto por várias vitrines com os objetos organizados por temas, conforme já assinalado. Nas paredes retratos de pessoas distintas na comunidade e quadros de alvos ornamentados das sociedades de tiro. Dois conjuntos se destacam entre os demais: as armas, que estão nas vitrines ao centro e, ao fundo, um conjunto relativo ao material da imprensa alemã[4].

As armas, em parte, eram utilizadas nas sociedades de tiro, que estão representadas na exposição dos alvos decorados nas paredes deste mesmo ambiente. Elas representam também a caça e mesmo a defesa dos primeiros imigrantes. Estes objetos parecem adequar-se aquela representação do colono na estátua de bronze na entrada, na medida em que representam tanto o imigrante vencedor, que já possui um determinado *status* social que permite a ele realizar atividades de lazer nas sociedades que surgiam, como as de tiro. Ao mesmo tempo, as armas apontam para o sua representação enquanto desbravador. Da mesma forma, a importância dada à produção do material impresso, representa o nível cultural do grupo, um elemento fundamental de distinção num país de grande maioria analfabeta à época. Esta distinção, entretanto, dá-se no interior do próprio grupo étnico, uma vez que um contingente de imigrantes e descendentes permaneceu sem acesso a essa cultura letrada.

Essa breve descrição da exposição possibilita identificá-la como uma narrativa histórica conservadora, que reforça os estereótipos construídos pela historiografia tradicional da imigração alemã que, de forma ufanista, narra o processo de imigração e colonização como uma epopeia, cujos heróis, os imigrantes, prosperaram e trouxeram o progresso a região. Nesse processo tiveram que se defender dos índios e animais selvagens – com as armas. No movimento de adaptação acabaram adotando alguns

[4] Os imigrantes alemães tiveram uma forte atuação na imprensa sul-rio-grandense, produzindo diversos jornais, almanaques e livros didáticos. Uma ativa intelectualidade germânica encarregou-se de difundir os valores culturais germânicos, conhecidos por "*Deutschtum*". Importante frisar que essa imprensa atingia, predominantemente aqueles elementos do grupo que já haviam conquistado alguma distinção social e, inclusive espacial, distanciando-se daqueles que ficaram nas picadas.

elementos da cultura portuguesa, entre os quais a adoção de escravos. À medida que prosperavam, encarregavam-se de trazer da Alemanha uma série de utensílios – louças, instrumentos musicais, roupas, móveis. Objetos estes, expostos no MHVSL, como representativos do imigrante alemão. Cabe perguntar por aqueles –a maioria – que não saíram das "picadas". Estes objetos os representam? Não são eles também integrantes deste mesmo grupo étnico?

Finalizando, podemos dizer que embora se perceba uma tímida tentativa de trazer outros discursos à tona, como inserir os afrodescendentes e os índios para dentro do Museu, esta ainda é feita dentro dos limites do discurso oficial no qual a integração destes outros é feita de acordo com os papéis que lhe foram historicamente atribuídos. Assim, acreditamos que a narrativa da exposição do MHVL reforça o discurso da supremacia do imigrante europeu, na medida em que coloca o índio literalmente embaixo da escada e o negros unicamente como escravos.

MUSEU ANTROPOLÓGICO DIRETOR PESTANA

O processo de imigração e colonização no Brasil foi acompanhado por um movimento interno paralelo: a remigração, ocorrendo de uma colônia à outra, ou dentro da própria colônia – além do retorno dos (i)migrantes. No final do século XIX, esse movimento de pessoas tornou-se mais intenso ainda, e a distância entre o lugar de saída e de destino cada vez maior. Nesse contexto, no Rio Grande do Sul, insere-se a migração das *colônias velhas* para as *colônias novas*, entre as *colônias novas* e, principalmente a partir da década de 1920, das *colônias novas* para o oeste catarinense, e assim sucessivamente. Todo projeto de colonização ao se lançar, carregava consigo uma leva de migrantes, atraídos pela possibilidade de adquirirem (mais) terras para si e seus filhos, por preços reduzidos, na perspectiva de permanecer/tornarem-se proprietários, multiplicando seu capital (cf. ROCHE, 1969; NEUMANN, 2009).

Nesse contexto, em 1890 foi fundada a colônia pública de Ijuí, no então município de Cruz Alta, no Planalto Rio-grandense, dentro do projeto republicano positivista de colônia mista, tanto étnica quanto religiosamente. Na sua formação, recebeu significativo número de imigrantes, dentre eles, alemães, austríacos, letos, suecos, poloneses, italianos, holandeses, árabes, todavia, predominaram os colonos provenientes da remigração interna.

A colônia de Ijuí foi contemplada com um ramal ferroviário já em 1891, fato que facilitou a circulação de pessoas e mercadorias, e seu rápido crescimento populacional e desenvolvimento socioeconômico culminou na sua emancipação já em 1912. Na lógica da colonização, tal qual São Leopoldo no século XIX, Ijuí representava o núcleo colonial central no Planalto na virada para o século XX. Partindo desse pressuposto, é pertinente perceber como os museus estabelecidos nesses dois espaços "pioneiros" elaboraram suas narrativas.

Ijuí construiu uma identidade pautada na ideia de etnias diversificadas, embora como um todo, prevaleça a identidade de colônia alemã. Dar visibilidade a essa diversidade étnica foi cogitado apenas na década de 1980, quando foi realizada uma feira, a Expo-Ijuí (1981). Visando incrementar a feira, e com apoio de um grupo de professores universitários da FIDENE/Unijuí, acrescentou-se à exposição uma festa, a Fenadi (Festa Nacional das Culturas Diversificadas), em 1987. A partir de então, reforça-se esse discurso, sintetizado, por exemplo, no slogan da exposição de 2014: "A origem nos define. A união nos fortalece"[5].

O Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP), foi fundado em 25 de maio de 1961, junto ao Centro de Estudos e Pesquisas Sociais da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí – FAFI, atual Unijuí, e é mantido pela FIDENE (Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado).[6] No rol de seus objetivos, consta "resgatar e preservar a memória regional, promover a cultura, a educação e o lazer", além de ser uma "síntese da evolução da região pela mão do nosso homem..."[7] Tal qual o MHVSL, pretende-se como guardião da história regional, formando o seu acervo a partir da coleta de peças e doações. Esse discurso está evidente também no site da instituição nos dizeres: "Memória de Ijuí e do noroeste do estado do Rio Grande do Sul"; "Conheça os aspectos da caminhada do homem que viveu e vive em Ijuí e região". A mesma pretensão está expressa na sua visão: "constituir-se em Centro

[5] Disponível em http://expoijuifenadi.com.br/home-banner/. Acesso em 19 out. 2014.

[6] A Ordem dos Frades Franciscanos (Capuchinhos) do Rio Grande do Sul, instalados em Ijuí e vinculados ao ensino, fundaram em 1956 a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí (FAFI). Posteriormente, em 1969, o patrimônio da FAFI passou à FIDENE, hoje mantenedora da UNIJUÍ, do MADP, do Centro de Educação Básica Francisco de Assis e Rádio Educativa UNIJUÍ. Em 1993, após a formalização do caráter regional e multi campi, transformou-se na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ (Disponível em http://www.unijui.edu.br/institucional/sobre-a-unijui. Acesso em 7 nov. 2014.)

[7] Disponível em: http://www.unijui.edu.br/museu. Acesso em 22 out. 2014.

Museológico e Documental pela preservação da memória, promoção da cultura, da educação e do lazer na região Noroeste do RS". Atribui-se como missão "constituir programas museológicos e documentais, com características antropológicas, que contribuam para a melhoria do processo educacional e cultural na Região".[8] No painel de apresentação da exposição, consta que o museu iniciou suas atividades com a doação do acervo do Dr. Martin Fischer, e o seu objetivo maior consiste "em contar e retratar a vida".

Relativo à sua estrutura e acervo, conta com um amplo prédio com área de 1.618 m², climatizado, o qual abriga a parte de arquivo e museu, além de auditório. O seu acervo está distribuído na exposição de longa duração, que está no andar superior, e em exposições temporárias, que ocupam uma sala na parte inferior do prédio. Tendo em vista a diversidade do acervo sob sua guarda, organiza-se nas Divisões de Museologia, Documentação e Imagem e Som.

A Divisão de Museologia tem por objetivo "acondicionar, conservar, documentar e expor os objetos doados ao MADP. Além de tais competências, possui o compromisso de preservar a memória dos acervos museológicos e o dever de resignificá-los, para que assumam sua função museal". É responsável pela pesquisa, elaboração e montagem das exposições de longa duração e as exposições temporárias. Conta com aproximadamente 30.000 acervos, subdivididos em quatro seções: Antropologia, Arqueologia, Numismática e Filatelia e Artes Visuais, sendo que as duas últimas constam na reserva técnica, em fase de estudo e inventário.[9]

A narrativa construída pela da exposição de longa duração do MADP segue inicialmente uma linha cronológica linear, orientada pela distribuição espacial das peças, e posteriormente, uma organização temática. O discurso da diversidade étnica, que se torna mais complicado de ser trabalhado em termos de linguagem museal, é substituído pela linguagem presente na historiografia clássica da imigração e colonização, ou seja, o trabalho e a contribuição dos imigrantes para o desenvolvimento da colônia, independente da origem étnica, embora na exposição predomine em larga escala o acervo doado/a contribuição da etnia alemã.

O acervo exposto, na maior parte, está acondicionado em vitrines, com as peças identificadas, e com painéis explicativos. A primeira sessão dedica-se a artefatos

[8] Disponível em: http://www.unijui.edu.br/museu. Acesso em 22 out. 2014.

[9] Disponível em: http://www.unijui.edu.br/museu. Acesso em 22 out. 2014.

arqueológicos em pedra, cerâmica e ossos, que remetem à presença do índio pré-missioneiro na região. Parcela do acervo é oriundo de pesquisas arqueológicas realizadas entre os anos de 1967 e 1973 em cerca de 134 sítios, e o restante, de coleta avulsa, totalizando aproximadamente 24.217 peças arqueológicas. A maior parte desse acervo permanece na reserva técnica.

Seguindo essa narrativa e dividindo ainda o mesmo espaço na exposição, apresenta-se o índio missioneiro, acompanhado de um histórico sobre os Sete Povos das Missões. Posteriormente, o índio kaingang, representado através de seu artesanato, e o guarani. Adentra a partir de então na secção de antropologia, dividida em "Índio, Missões e Povoamento". Essa divisão denota que anterior a chegada dos imigrantes europeus e colonos, não havia um efetivo povoamento.

O negro está presente em um painel na exposição, remetendo a um sujeito histórico específico, que teria vivido em Ijuí, e informações gerais sobre a presença dos negros escravos na região. Já o caboclo está representado vinculado à produção de erva-mate, encerrando a presença do *outro*, anterior ao processo de colonização.

O restante da exposição trata da formação histórica da colônia Ijuí e o seu desenvolvimento. A primeira sequência de painéis ocupa-se com a fundação da colônia, destacando o diretor Augusto Pestana como personagem central desse processo, e um mapa histórico da divisão da colônia, e imagens fotográficas de época. Os imigrantes são representados por um casal alemão e o seu baú de viagem, acompanhado de um painel, remetendo a presença de imigrantes de diferentes nacionalidades.

A partir de então, adota uma linguagem temática, predominando efetivamente a exposição do acervo de peças. O discurso apresenta em primeiro plano a agricultura, incluindo utensílios vinculados ao cotidiano do meio rural, como plantio, colheita, processamento de produtos e domésticos. Paralelo, peças e painéis relacionados aos meios de comunicação, especialmente jornais e rádios. Depois, as fábricas artesanais e a sua maquinaria, indústria e comércio, juntamente aos meios de transporte e a produção de energia elétrica.

Outro conjunto de objetos diversos versa sobre a prestação de serviços, incluindo hotel, farmácia, banco, barbearia, alfaiate, fotógrafo, dentista, hospital. Em seguida, inicia a exposição relacionada a cultura, lazer educação e religiosidade, como música – corais e conjuntos musicais –, espaços de sociabilidade e práticas esportivas; brinquedos,

instituições de ensino, incluindo o surgimento da universidade, espaços e artefatos religiosos vinculados ao catolicismo e protestantismo.

A última parte da exposição traz os costumes da colônia e artefatos do cotidiano das famílias. Representam festas, como casamentos, artefatos e vestimentas femininas, além de um espaço remontando a uma casa de uma família alemã, demarcando todos os seus ambientes, incluindo sala, cozinha, quarto e banho, com seu respectivo mobiliário, havendo um andar superior trabalhado em madeira.

Portanto, como a pesquisa está em fase inicial, percebe-se, em uma primeira leitura, que se trata de dois museus com perfis e propostas distintas, o primeiro, com um discurso mais difuso, e claramente identificado como um espaço de memória da imigração alemã. Já o segundo tem por trás uma instituição universitária, com profissionais formados na área, o que se reflete na estrutura e organização do acervo, todavia, a composição de seu acervo acentua a presença dos imigrantes e descendentes de alemães, embora o discurso se esforce para mostrar a multiplicidade étnica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFIAS

BOURDIEU, Pierre. Um analista do inconsciente. In: SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Edusp, 1998.

CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2012.

CAPOVILLA, Eloisa Helena da Luz Ramos. O que guardam e o que mostram os museus de imigração? In.: BERTRUY, Ramona I. Pérez. *Estudios sobre el patrimonio documental, digital y cultural de America Latina*, México, 2014. Disponível em: http://pt.slideshare.net/smgemexico/estudios-sobre-el-patrimonio-documental-digital-y-cultural-de-amrica-latina. Acesso em 25 out. 2014.

EGGERS, José Carlos; LINCK, Márcio (org.). *Museu Histórico Visconde de São Leopoldo*: 50 anos de história. Novo Hamburgo: Um Cultural, 2012.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva.* São Paulo: Centauro, 2004.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. Os Lugares da Memória. In.: Silva, René Marc da Costa (Org.) *Cultura Popular e Educação*. Brasília: Salto Para o Futuro/ TV Escola/ SEED/ MEC, 2008.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In.: *Enciclopédia Einaudi***.** Memória e História. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1984. v. I, p. 95-106.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. ***Anais do Museu Paulista***, [S.l.], v. 2, n. 1, p. 9-42, jan. 1994. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/5289/6819>. Acesso em 25 Out. 2014. doi: http://dx.doi.org/10.1590/S0101-47141994000100002.

NEUMANN, Rosane Marcia. *Uma Alemanha em miniatura*: o projeto de imigração e colonização étnico particular da Colonizadora Meyer no noroeste do Rio Grande do Sul (1897-1932). Porto Alegre, 2009. 2 v. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, PPG em História da PUCSP, São Paulo, n. 10, dez. 1993.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969. 2 v.

WEBER, Regina. Grupos étnicos, estratégias étnicas. In: *Campos Múltiplos***:** identidade, cultura e história. São Leopoldo: Nova Harmonia/Oikos, 2008. p. 257-269.